

Mesa Redonda: **A construção das identidades**



As transformações e a emergência de novas identidades em diversas situações históricas são o tema central dessa mesa-redonda, que reúne investigações sobre Moçambique e Angola em temporalidades diversas. Processos de construção de identidades sociais e culturais são examinados à luz das relações entre o islão e o cristianismo, entre sociedades matrilineares agrárias e as relações capitalistas de produção e no contexto de emergência de movimentos coletivos juvenis de reivindicação e protestos.

Coordenação: *Omar Ribeiro Thomaz, UNICAMP*

Jacimara Souza Santana, UNEB - Identidade Nyanga além fronteiras: fluxos migratórios de médicos-sacerdotes entre Moçambique, Zimbábue, Suazilândia e África do Sul

Movimentos migratórios implicam em mudanças de ordem social, política, econômica, cultural e religiosa. Na primeira metade do século XIX, o fluxo migratório dos povos Vanguni em direção ao sul de Moçambique fez emergir o antigo Império de Gaza, gerando mudanças profundas nas sociedades locais. Nossa pesquisa demonstrou que a memória deste Império, bem como a de seus costumes, exerceram influência na formação da identidade dos médicos-sacerdotes da região, também conhecidos pelo nome de Nyanga (singular) ou Tinyanga (plural). Enquanto este Império existiu, a atuação do grupo social de Tinyanga na assistência de saúde à população foi legitimada pelo governo, de forma que alguns destes médicos-sacerdotes chegaram até a exercer influência política e militar. Entretanto, este lugar social lhes foi negado com o advento do domínio colonial português na região. Pesquisas demonstraram uma tendência em comum entre governos coloniais, qual seja, a de aceitar a atuação dos fitoterápicos em detrimento dos médiuns. Sugiro que condições desfavoráveis ao exercício das funções dos médicos-sacerdotes, em meio a contextos políticos de intensas mudanças decorrente da colonização, favoreceram a emergência de uma movimentação regional em prol do reconhecimento e legitimidade da categoria, exercendo novas influências nas maneiras de ser e fazer do grupo social Nyanga do sul de Moçambique. Isso foi possibilitado pelo constante fluxo migratório de Tinyanga daquela região para África do Sul, Zimbábue e Suazilândia. A imposição do trabalho forçado nas minas não foi o único motivo causador das migrações, visto que ele já existia antes mesmo do estabelecimento de fronteiras pelos europeus. Assim, esta comunicação irá tratar de identidade e migração na experiência do grupo Nyanga do sul de Moçambique, pontuando seus antecedentes, impactos e trajetórias.

Isabel Casimiro, Universidade Eduardo Mondlane - Cruzando lugares e percorrendo tempos. Sociedades matrilineares em Angoche

Os estudos de Feministas interessadas em alternativas ao mundo atual têm conduzido a pensar novamente nas sociedades matrilineares, desafiando a “construção das relações de gênero”, os papéis e as identidades de mulheres e homens, o modelo androcático e de dominação vigente, partindo de quadros teóricos e analíticos diferentes.

A literatura consultada sobre algumas sociedades matrilineares agrárias – na África Austral e Central, na África Ocidental e na Indonésia – dá conta da sua existência, num contexto de relações capitalistas de produção, que provocaram mudanças e processos de negociação e de acomodação com outras formas de organização da sociedade, mas também da sua resistência contra a perda da terra e de outros recursos importantes, contra as mudanças no estatuto das mulheres.

Pretendeu-se com esta pesquisa analisar as mudanças numa sociedade matrilinear do grupo populacional *Makhuwa*, do distrito de Angoche, província de Nampula, norte costeiro de Moçambique, procurando entender como as mudanças que percorreram este período e cruzaram este espaço afectaram o quadro institucional e as relações sociais entre mulheres e homens, no respeitante ao acesso a e controlo ou partilha de recursos, na divisão de trabalho e na participação nos processos de tomada de decisão.

O estudo revelou que as formas matrilineares de organização e ideologia dão maior espaço social e político às mulheres, maior grau de independência, autonomia, autoridade formal nas políticas locais e nos rituais, no controlo de rendimento, nas decisões respeitantes à educação dos filhos e relações familiares, ainda que em contextos capitalistas e patriarcais.

Alexandrino Nunes Mpanzo, USP - Jovens angolanos e a politização da cultura: o caso do hip hop – novas possibilidades e dilemas em educação.

O presente trabalho propõe uma reflexão acerca da emergência recente de movimentos coletivos juvenis em Angola que, têm centrado suas ações em múltiplas manifestações públicas de reivindicação e protestos. Estes movimentos forjados e legitimados dentro da cultura hip-hop do país representam uma novidade no cenário de participação social e política na sociedade civil angolana. Neste estudo, buscamos apontar algumas características diferenciadoras deste movimento bem como propor a partir de estudos teóricos de autores das áreas de educação, psicologia social, sociologia contemporânea da juventude e antropologia urbana, uma possibilidade de entendimento das dinâmicas de atuação desse movimento. O presente trabalho é resultado de estudos realizados pelo autor como parte da pesquisa do seu mestrado, em curso, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.